

Educação escolar e práticas comunitárias na floresta daimista do Céu do Mapiá

School education and community practices in the daimista forest of Céu do Mapiá

Maria Betânia B. Albuquerque
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Belém-PA-Brasil
Marcos Vicente Trench
Sítio Nosso Canto
São Lourenço da Serra-SP-Brasil

Resumo

O texto reflete sobre o cenário sociocultural em que surgiu a escola Cruzeiro do Céu no período de sua fundação, em 1986. Trata-se de uma escola no interior da floresta amazônica com uma identidade comunitária, ecológica e religiosa, no contexto da religião do Santo Daime, cujo mentor foi Sebastião Mota de Melo. Resulta das reflexões de quem vivenciou os tempos iniciais de construção da escola e da pesquisa teórico-bibliográfica. Apoiar-se em autores que se ocuparam em escrever sobre o Santo Daime, a exemplo de Fernandes (1986), Mortimer (2000). Ao buscar realizar uma reflexão crítica sobre o trabalho na escola, inspira-se em Freire (1996) e Candau (2008; 2016). Dentre as considerações, aponta a importância de uma ecologia de saberes na escola, a partir de uma prática pedagógica intercultural em que estejam em diálogo diferentes sujeitos, conhecimentos e modos de vida.

Palavras-chave: Educação escolar; práticas comunitárias; Santo Daime.

Abstract

The text reflects about the sociocultural scenario in which the Cruzeiro do Céu school emerged, in the period of its foundation, 1986. It is a school in the interior of the Amazon forest with an ecological, religious and community identity, in the context of the Santo Daime, religion whose mentor was Sebastião Mota de Melo. This work is a result of the reflections of those who experienced the initial construction times of the school and bibliographical research. It relies on authors known for their work about Santo Daime, such as Fernandes (1986) and Mortimer (2000). Seeking to carry out a critical reflection on the work performed at the school, it is inspired by Freire (1996) and Candau (2008; 2016). Among the considerations, the importance of an ecology of knowledge at the school is highlighted, based on an intercultural pedagogical practice in which different subjects, knowledge and ways of life are in dialogue.

Keywords: School education. community practices. Santo Daime.

Introdução

Este artigo foi inspirado em uma live ocorrida em 2022 com o título “Cipó do Tempo” em que foi apresentada a história da escola Cruzeiro do Céu, em particular os anos iniciais de sua fundação. A ideia de tecer um cipó do tempo emergiu do convite feito por um grupo de pessoas que buscavam construir o projeto de uma escola para integrar a vida comunitária dos moradores da igreja Céu de Maria (SP).

Na busca por experiências que inspirassem essa construção, o grupo procurou conhecer a realidade da Cruzeiro do Céu, escola situada no interior da floresta amazônica, com profunda identidade comunitária, ecológica e religiosa no contexto do Santo Daime, religião amazônica que faz uso de uma bebida psicoativa de origem indígena, chamada *ayahuasca* e rebatizada, nesse contexto, como *daime* em função de seus atributos dadivosos, uma vez que, para os adeptos da religião, o daime dá aquilo que o sujeito pede.

Ao atender a esse convite, a Cruzeiro do Céu criou um grupo formado por professores, gestores, alunos, profissionais da educação, para que recolhessem fontes visando reconstituir a memória da escola no período de 1986, ano da fundação da escola, até os dias atuais. Dentre as fontes, estavam fotografias, documentos escritos, narrativas orais com antigos e novos professores, alunos, gestores, servidores e pessoas da comunidade. O resultado dessa cartografia de memórias culminou em uma *live* comemorativa em que foi socializada a história da escola, suas conquistas e desafios no referido períodoⁱ.

A história da escola se reporta ao que Lucio Mortimer (2000, p. 7-8), em seu livro *Bença Padrinho*, chamou de “a saga de um pequeno povo que, com bravura venceu muitos desafios, graças a uma liderança autêntica, fonte de união e entendimento”. Mortimer se refere a Sebastião Mota de Melo (*in memorian*), que veio a se tornar líder dentro do Santo Daime, religião fundada na periferia da cidade de Rio Branco, na década de 1930, pelo negro e maranhense Raimundo Irineu Serra. Ao se curar com essa bebida, Sebastião tornou-se discípulo de Irineu Serra, autonomizando-se deste, após sua morte nos anos de 1970.

Bem antes de adentrar nessa religião, Sebastião já se destacava como médium, rezador e parteiro na região do Juruá-AM, atendendo diversas pessoas que o procuravam em busca de ajuda. Ao emigrar com sua família para Rio Branco-AC, nos idos de 1957, Padrinho Sebastião, como ficou conhecido, deu seguimento às suas práticas de cura, aliando-as ao daime por meio do qual juntou um povo e formou sua própria comunidade religiosa numa localidade conhecida como “Colônia Cinco Mil”, formada em 1975. Desse modo, a partir do

ano de 1976 a Colônia Cinco Mil passou a vivenciar a experiência comunitária, através da “união de 25 pequenas colônias, num total de 380 hectares, congregando 43 famílias de seringueiros organizados sob princípios comunitários que se estabeleceram à medida que realizavam um trabalho espiritual com o Santo Daime” (FERNANDES, 1986, p. 27). Teve início, então, na Floresta Amazônica, um estilo de vida comunitário em estreita conexão com a vida espiritual centrada no Daime.

Sujeito não escolarizado, Sebastião, contudo, era portador de uma multiplicidade de saberes: era mateiro, caçador, pescador, construtor de casas, canoas e embarcações, rezador, médium, músico e educador de seu povo a quem conduzia com seu exemplo de vida e de trabalho, conselhos e rezas tendo o daime como grande mediador da coesão de sua comunidade. Muito embora não tenha sentado nos bancos de uma escola, Sebastião manifestava grande interesse que seu povo fosse educado, motivo pelo qual foi um grande entusiasta da criação da escola Cruzeiro do Céu (ALBUQUERQUE, 2021).

Neste texto, objetivamos mostrar o cenário político, cultural, social em que surgiu a escola Cruzeiro do Céu, na Vila Céu do Mapiá, quando da inserção de Marcos Vicente Trench na gestão da educação escolar em 1986; as questões e conflitos que mobilizavam o Padrinho Sebastião e sua comunidade a perceber a necessidade da fundação de uma escola; a pedagogia do cotidiano que atravessa o fazer pedagógico; os frutos reconhecidos no presente e desafios para as mudanças na escola Cruzeiro do Céu no sentido do sonho do Padrinho de construção de uma comunidade educada no coração da Floresta amazônica.

O texto resulta, metodologicamente, de uma pesquisa teórico-bibliográfica ancorada em informações e documentos levantados com a cartografia de memórias da escola, acima mencionada, que se configurou como fundamental na tecitura deste texto. Pauta-se, ainda, em reflexões críticas sobre a experiência na gestão da escola que levou Marcos Vicente ao estudo de autores como Paulo Freire, Rudolf Steiner e a Escola Waldorf, Celestin Freinet, buscando “dicas práticas” ou, como diria Michel de Certeau (1998), as táticas de como fazer “tudo” numa escola, ainda que sem a devida formação para tal. Peter Burke (2005, p. 103), ao refletir sobre o conceito de tática de Michel de Certeau (1998), esclarece que “nos termos em que ele pensava, as pessoas comuns faziam seleções a partir de um repertório, criando novas combinações entre o que selecionavam e, igualmente importante, colocando em novos

contextos aquilo de que haviam se apropriado”. Desse modo, “essa construção do cotidiano por meio de práticas de reutilização é parte do que Certeau chama de ‘tática’”.

Teoricamente, apoiamo-nos em autores que se ocuparam em escrever sobre a religião do Santo Daime e o Padrinho Sebastião, a exemplos das obras de Fernandes (1986), Mortimer (2000) e Alverga (1998). No campo da educação, ao buscarmos realizar uma reflexão crítica sobre o trabalho na escola, apoiamo-nos em Paulo Freire (1996, p. 39), quando ressalta que: "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática". E ainda na perspectiva de uma educação intercultural proposta por Candau (2008), ao advogar a importância da comunicação e do diálogo entre diferentes culturas. Para a autora, a perspectiva intercultural visa

promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas (CANDAU, 2008, p. 23).

Seguindo essas trilhas e inspirados na documentação levantada no “Cipó do Tempo”, passamos a adentrar na Comunidade Céu do Mapiá, bem como na descrição dos caminhos percorridos para implantação de uma escola comunitária no interior da floresta amazônica.

Uma escola na floresta: diálogo entre a educação do Santo Daime e a educação escolar

Os germes de uma educação escolar na comunidade de Sebastião Mota estão intimamente relacionados a ele, em sua capacidade de liderar um povo, assim como a Manoel Corrente e sua família e a Mário Rogério que, em setembro de 1985 recebeu em Rio Branco, na colônia cinco Mil, Marcos Vicente Trench. Graduado em medicina veterinária, Marcos foi apenas um dentre as diversas pessoas que se deslocaram do sul e sudeste do Brasil em busca dos ensinamentos de Sebastião Mota.

Antes dele, Ângela Pimenta, diretora da escola Cruzeiro do Céu à época, trouxe práticas pedagógicas alinhadas com a alfabetização freiriana, partindo das palavras geradoras do contexto sociocultural dos povos da floresta e da doutrina do Santo Daime, especialmente as letras dos hinos. O estudo de Rudolf Steiner também foi incorporado nas práticas da escola, sorvidos da escola Caminho da Luz, fundada em 1893 na comunidade daimista Céu da

Montanha, em Visconde de Mauá-RJ, que adotava as indicações de Rudolf Steiner. Maria Alice Campos Freire, professora da escola naquele tempo, trouxe em suas experiências o conhecimento de Freinet. Estudos que indicavam o caminho do respeito às diferenças, sustentabilidade, cooperação e afetividade e consideravam a escola não restrita a um local ou prédio, mas vista em todos os espaços onde coubesse uma prática educativa.

Ao chegar na Colônia Cinco Mil em 1985, durante dois meses Marcos teve oportunidades de conversar sobre educação, mais especificamente sobre a falta de uma escola que ajudasse a formar as crianças e jovens do Padrinho, em particular, os que habitavam a comunidade Céu do Mapiá-AM, para onde Sebastião Mota se mudara, no ano de 1983, com parte de seu povo.

A vida na Colônia Cinco Mil era próspera e as pessoas vinham de vários lugares para conhecê-la. Entretanto, a diminuição da floresta e o avanço da cidade impossibilitavam o crescimento da comunidade. Padrinho Sebastião era um homem da floresta e era dela que retirava os recursos que precisava para viver e se realizar espiritualmente. Somado a isso, problemas ambientais, como o intenso desmatamento da região, trouxeram implicações como “alteração no clima e pragas na agricultura. Isto se somou à falta de recursos financeiros necessários para mecanizar a agricultura, levando a uma queda da produtividade” (MACRAE, 1992, p. 74). Em vista desse quadro, Sebastião Mota se mudou para um local mais afastado, onde pudesse viver com seu povo uma vida com mais dignidade.

Vale lembrar, contudo, que no final dos anos de 1970 já existia a compreensão quanto à precariedade da educação e a falta de acesso à escolarização para o povo do Padrinho, na Colônia Cinco Mil, bem como a preocupação com a leitura e a escrita das crianças. Como bem narra Lúcio Mortimer (2000, p. 171):

O visitante que adentrava a colônia Cinco Mil tinha o prazer de ver e sentir um mundo de prosperidade e ordem. Era admirável o grupo de trabalho dos meninos. Eles estavam entre doze e quinze anos. O chefe da turma era o Roberval, filho do Nel, tão jovem quanto os companheiros, mas cheio de responsabilidade e de dedicação. Eles trabalhavam pesado. Mirim, um acreano meio ripe, considerado filho de papai rico, gastava sua mesada com a turma, comprando roupas e agrados. Com isso incentivava o empreendimento do grupo. Infelizmente, ‘estudo já era’. Quem aprendeu, aprendeu. O tempo estava apertado e precisava produzir. Na escolinha rural só dava para ir até o terceiro ano com uma única professora.

O “mundo de prosperidade e ordem” era a marca do Padrinho Sebastião, homem simples e carismático que ensinava bons hábitos de vida por onde passava, além de

Educação escolar e práticas comunitárias na floresta daimista do Céu do Mapiá

ensinamentos morais que orientavam o bem viver da comunidade. Nesse contexto, destaca-se o engajamento de Lúcio Mortimer, que abandonou a vida nas Minas Gerais para seguir os rastros do Padrinho, sensibilizando-se com a situação da educação local, conforme ele mesmo narra:

Naturalmente, como ex-universitário enxergava o problema e por isso tomei a iniciativa de organizar nosso local de estudo. A velha escolinha de dona Zefa, que havia se aposentado, ficava a dois quilômetros da vila, e as crianças faziam a caminhada no escaldante sol. Uma situação injusta porque oitenta por cento dos alunos eram moradores de nossa comunidade. Fui muitas vezes à Secretaria de Educação e consegui falar com a Secretária Estadual. Uma equipe foi até a Colônia Cinco Mil e nós conseguimos a contratação de uma professora, a Dona Mariza, que também era daimista. Organizamos uma sala de aula, construímos as carteiras e estava lançada a semente de nossa futura escola (MORTIMER, 2000, p. 171-2).

Como ex-universitário, o autor reconhece a importância da escolarização e as possibilidades de mudança que ela oportuniza na vida das pessoas. Essa motivação o levou a organizar uma sala de aula, mesmo em um momento de crise e grandes dificuldades de equacionar a produção para sobrevivência da comunidade.

Ao se instalar na comunidade Rio do Ouro e buscar assegurar a propriedade da terra junto ao INCRA, Sebastião Mota veio a saber que estava assentado nas propriedades de um fazendeiro do Sul do Brasil e que deveria, portanto, desabitá-la. Desse modo, em nova peregrinação em busca de um lugar para firmar sua comunidade, Sebastião instalou-se, finalmente, na Vila Céu do Mapiá-AM, em 1983. Ao mudar para esse novo lugar, o sonho de uma educação pública pode, enfim, ser realizado.

Estabelecida na confluência dos igarapés Mapiá e Repartição, a Comunidade Vila Céu do Mapiá foi fundada por cerca de 20 famílias de seringueiros e agricultores vindos de Rio Branco/AC, liderados por Sebastião Mota de Melo. A vila está distante 30 km do Rio Purus, no Sul do Estado do Amazonas, no município de Pauini/AM, dentro da Floresta Nacional do Purus (FLONA do Purus), unidade de Conservação de Uso Sustentável, com área de 256.000 hectares, criada pelo Decreto Federal 96.190 de 1988. No ano de 2022 a população residente chegou ao número aproximado de 1000 pessoas.

Uma característica particular da vila é a distância em que se encontra da sede do município, Pauini, sendo necessários de um a dois dias de viagem por via fluvial. Desse modo, a cidade mais próxima da vila é Boca do Acre-AM, distando cerca de 6 a 12 horas de viagem por meio fluvial, dependendo das condições de navegação e do tipo de embarcação,

geralmente uma canoa a motor chamada rabeta. Situada, portanto, em plena floresta amazônica, suas ruas são constituídas por estradas de terra cercadas de verde, com casas relativamente afastadas uma das outras. A maior parte dos moradores circula caminhando a pé, de moto ou de canoa uma vez que não existe transporte público. No centro da vila estão localizados a cozinha comunitária, pequenos comércios, a Associação dos Moradores da Vila Céu do Mapiá (AMVCM) e a praça, espaço de encontro e sociabilidades entre os moradores. A fundação de uma escola na vila, contudo, teria que esperar até o ano de 1986 quando, no dizer de Mortimer (2000, p. 253):

Algumas pessoas importantes para o desenvolvimento comunitário começaram a vir se incorporando à nossa população. Acredito que todas tenham sido convocadas pelo Padrinho, dono de uma reza forte. Assim chegou o Marcos Trench, que assumiu a escola dando-lhe ordem e eficiência.

Um fato significativo no movimento de criação da escola Cruzeiro do Céu foi a estreita ligação com a problemática da alimentação local. Em parte, sua criação foi motivada pela necessidade de prover alimentação para o povo da comunidade, em especial, as crianças e jovens. Mortimer (2000, p. 249), relata que: “Nestes tempos de economia difícil, de limitada capacidade de compras, nós recebíamos uma ajuda preciosa vinda do Acre. Era a merenda escolar”. A quantidade de merenda fornecida dependia da quantidade de alunos matriculados. Com isso, todo mundo era matriculado na escola, motivo pelo qual foi necessário refazer as matrículas eliminando os “alunos merenda”, a fim de chegar à realidade efetiva dos alunos em idade escolar.

Nesse aspecto, a Cruzeiro do Céu não se diferencia da realidade da escola pública brasileira, nomeadamente as escolas rurais/ribeirinhas, em que as refeições fornecidas se configuram como fundamentais aos alunos e alunas, constituindo-se, muitas vezes, como única fonte de alimento. Entretanto, a alimentação que o Padrinho Sebastião almejava para seu povo ia muito além da “barriga cheia”, pois o que ele buscava era um povo nutrido pelo conhecimento. Em seu sonho de uma comunidade educada, dizia, inclusive, que ele queria ser o único analfabeto entre seus seguidores.

Para um homem nascido e criado nas matas do Juruá, a Colônia Cinco Mil, estava muito perto da cidade de Rio Branco, fato que facilitava a criação de hábitos ou desejos de consumo que não faziam sentido ao projeto filosófico de bem viver de Sebastião Mota que incluía simplicidade, muito trabalho e devoção pela doutrina do Santo Daime. Incluía, também, um

Educação escolar e práticas comunitárias na floresta daimista do Céu do Mapiá

povo que soubesse receber com educação as pessoas que chegassem em sua comunidade; que fosse tão afinado no caminho do bem que, só de chegar na localidade, as pessoas já fossem sentindo um bem-estar e se curassem. Nessa direção, era preciso pensar uma escola capaz de ter como resultado de seu processo educativo alunas e alunos com esse perfil. Resta saber: Como, no processo de desenvolvimento da comunidade do Padrinho Sebastião, foi encaminhada a formação dos sujeitos de 1975 até 1986, fase anterior à fundação da escola Cruzeiro do Céu? Como essa formação dialoga com a educação ocorrida no âmbito da religiosidade local?

Em diversos estudos Albuquerque (2011; 2021) tem procurado evidenciar o Santo Daime como educação por meio da qual as pessoas forjam suas subjetividades mediadas pela ingestão do daime, tido pelos adeptos como uma bebida feita de *plantas professoras*. Nessa experiência, o indivíduo é instado a se melhorar como pessoa, na medida em que, sob os efeitos da bebida, ele é colocado em contato consigo mesmo, com seus problemas ou dilemas existenciais. Sorvida as lições que as plantas mestras vêm ensinar nas sessões daimistas, o indivíduo há de se esforçar para trazer tais ensinamentos à realidade do dia a dia, incorporando novos hábitos. Nesse processo educativo, o daime “dá” a clareza do que precisa melhorar e a motivação para implementar as mudanças. Entretanto, faz-se necessário um ambiente que seja propício e reforce essa motivação, seja no ambiente do lar ou da escola.

Ao chegar na Comunidade Céu do Mapiá, no final de fevereiro de 1986, Marcos Vicente relata que ao pisar no chão da vila, o que constatou foi uma cena entre jovens meninos aparentando entre 7 a 10 anos, uma meia dúzia que observava um maiorzinho, talvez com 14 anos, “judiar” um outro menor. A lembrança de que fazia parte do povo do Daime e que estava na Meca do Santo Daime, a Vila Céu do Mapiá, e de como se deveria comportar nesse local, o levou a uma intervenção pontual durante os 11 anos em que esteve à frente da gestão da Escola Cruzeiro do Céu.

Dentre outros fatores, talvez a demanda por educação na vila estivesse relacionada ao resultado de delegar, exclusivamente, à religião do Santo Daime a formação das crianças e jovens, uma vez que os adeptos consideram o daime como um professor. A vida cotidiana, contudo, evidenciava a necessidade de ampliação dos mecanismos de educação, deixando claro a importância de uma prática pedagógica intercultural (CANDAU, 2008), onde pudessem estar em diálogo diferentes sujeitos e concepções de conhecimento, neste caso, o

conhecimento científico, religioso e ambiental já que se trata de uma comunidade cujo projeto é marcado pela sustentabilidade. Para a autora:

É tempo de inovar, atrever-se a realizar experiências pedagógicas a partir de paradigmas educacionais “outros”, mobilizar as comunidades educativas na construção de projetos político-pedagógicos relevantes para cada contexto. Nesse horizonte, a perspectiva intercultural pode oferecer contribuições especialmente relevantes (CANDAUI, 2016, p. 807).

Assim, surgiu a iniciativa da educação escolar, solicitada pelo próprio Padrinho Sebastião e ratificada pela comunidade. Com uma formação política de esquerda, simpático ao comunismo, Marcos Vicente vinha de uma geração que cresceu durante o regime militar convivendo com mentiras, gente sumindo, o país sendo espoliado e degradado e se indagava, naquele contexto, como a escola poderia contribuir com a vida comunitária. A falta de respeito permeada aqui e acolá nas relações observadas entre jovens e crianças turvava o projeto de vida do Padrinho; afinal, como ser possível em uma comunidade exemplar, atitudes tão contraditórias, inesperadas ao olhar de novatos encantados com tamanha força de consciência e transformação oferecidas pela doutrina do Santo Daime, com suas poderosas plantas professoras? Apesar dessas contradições, era impossível não se encantar com o sonho de uma comunidade que, além da consagração do daime, também plantava e colhia os alimentos juntos, dividia tudo o que tinha e ainda se mobilizava por cidadania e uma melhor educação das crianças e jovens.

O cotidiano da comunidade e a escola

Marcos Vicente narra que ao chegar no Mapiá foi impactante o testemunho do trabalho comunitário, ainda dirigido pelo Padrinho Sebastião. Havia uma cozinha geral, um armazém comunitário que despachava uma feira básica diferenciada, de acordo com o número de pessoas, e um depósito aberto com tudo o que era produzido pela comunidade: feijão, arroz, abóbora, uma caixa enorme para farinha de mandioca que era abastecida cada vez que se fazia uma farinhada. A comunidade produzia melado de cana e açúcar mascavo, havendo uma satisfação com a vida simples. As moradias eram planejadas e construídas comunitariamente. Não era um sonho pronto, pois sua construção dependia do empenho de cada um e cada uma que se aproximasse, e de todas e todos que acompanhavam o Padrinho.

A organização do trabalho comunitário é algo que importa destacar pois existiam grupos organizados por lideranças. Era o grupo de trabalho pesado (GTP) e o grupo de

trabalho maneira (GTM). Também tinha o grupo dos meninos. A maioria das meninas, por sua vez, ia à escola por vontade própria e participava dos afazeres de casa. Os meninos fugiam mais, queriam nadar no igarapé e permanecer no *dolce far niente*, mas terminaram por serem capturados pela parceria escola comunidade. Nesse momento, a escola ainda não tinha uma sede própria e na antiga igreja, onde funcionava inicialmente, encontrava-se Raimunda Nonata, uma das filhas do Padrinho Sebastião, cuidando da educação infantil das crianças pequenas pela manhã. À tarde, as crianças maiores estudavam com a Marinês e a Daíde. Lucio Mortimer orientava o grupo de homens jovens. Muito trabalho pesado e outras responsabilidades prioritárias ocupavam a rotina dos que antecederam uma direção da escola mais efetiva.

No resgate da memória da escola, promovido pelo “Cipó do Tempo”, além de fotos e documentos levantados, destaca-se a intenção de colocar Raimunda Nonata como diretora da Cruzeiro do Céu. Ângela Maria Pimenta era a diretora da escola na época, uma vez que Nonata não poderia assumir o cargo por não possuir a escolarização exigida. Formada em geologia, a fala de Ângela costumava ser inspirada pelo educador Paulo Freire, porém, pouco tempo depois precisou se afastar para tratamento médico. Ângela cumpria os compromissos externos da escola com os governos de Rio Branco-AC e Boca do Acre-AM que implicavam em buscar merenda, batalhar material escolar e tudo o que era necessário para a construção do prédio. Conseqüentemente, ela quase não estava presente no Céu do Mapiá e a escola passou a ser de competência de Marcos Vicente Trench.

Conseguir a atenção das crianças e jovens não era tarefa fácil, demandando a prática do diálogo que quase não fluía. Cotidianamente havia contendas as mais variadas, quase sempre envolvendo *bullying* contra os menos favorecidos na pequena sociedade mapiense em formação. A escola tinha fama de começar, mas não ter continuidade. Não havia organização prévia das atividades, reunião do corpo escolar ou reunião com os pais. Era preciso arregaçar a manga, contando com a orientação e apoio dos padrinhos Sebastião, Manoel Corrente, Alfredo e da comunidade em geral.

No início de sua jornada na escola Cruzeiro do Céu, o currículo escolar pautava-se, basicamente, na atualização de práticas pedagógicas que Marcos Vicente trazia em sua memória do tempo de sua própria escolarização, avivadas pelo desafio do ensino-aprendizagem na sala de aula. Escrever o nome do professor e dos alunos foi um hábito diário incorporado pelas crianças e serviu de base para muitas atividades. A lista de presença, logo

percebida como essencial, foi elaborada e seu controle pela “chamada” era atividade realizada pelo professor em rodízio com os alunos e alunas que, diariamente, se revezavam nessa tarefa com gosto. Colocar os nomes em ordem alfabética, conhecer as letras, escrever os nomes em tiras de papel, fazer frases com seus nomes eram brincadeiras que iniciavam a prática da leitura e escrita e conformavam parte das “táticas” (CERTEAU, 1998) empregadas. As frases eram levadas para casa e as crianças incentivadas a ler para seus familiares e pessoas conhecidas e, no dia seguinte, liam umas para as outras, escrevendo-as na lousa.

Marcos Vicente recorda que, nesse exercício de uma *pedagogia do cotidiano* (ALBUQUERQUE, 2021), a turma criou um teatro com suas falas, construiu um texto que foi ensaiado e encenado para a própria turma, cada um e cada uma lendo, repetindo sua fala de acordo com sua capacidade, o que foi de grande proveito para a aprendizagem, sobretudo, em relação à leitura e escrita das crianças. Interconectando religião e educação, os alunos repetiam hinos, versos, afirmações relacionadas com a doutrina do Santo Daime e seu ecletismo:

Chamo estrela, chamo estrela/Chamo estrela, estrela vem/Ela vem me ensinar/O amor de quem quer bem/O amor de quem quer bem/É a saúde e o bem-estar/Consagrando esse amor/Para sempre não faltar/Para sempre, para sempre/Amigo do meu irmão/Que ele é a minha luz/Nesse mundo de ilusão.ⁱⁱ

Ao final da aula era escrito pelo professor, num “livro de classe”, o que haviam realizado em grupo. A relevância da sistematização desse conteúdo da leitura e escrita, como dos saberes matemáticos e dos demais campos do conhecimento, não demorou a ser percebida. Palavras geradoras ou temas geradores foram identificadas a partir de reflexões a respeito de temas de interesse como: das necessidades fundamentais de habitação, alimentação, vestuário, saúde, educação, armazém comunitário, a palavra “vila”; da influência do meio ambiente na vida, o desmatamento, a floresta, o clima, a subsistência, a palavra “mata”; da valorização do trabalho humano, o processo de transformação da natureza, o trabalho e o capital, a palavra “roçado”; da religião, liderança espiritual, entrega, apocalipse, a palavra “fé”.

Outras palavras compuseram o rol de palavras geradoras, abrangendo a maior parte das sílabas simples que, reagrupadas entre si, formaram muitas outras palavras e frases significativas para o ensino-aprendizado: feitio, canoa, jagube, saúde, enxada, trabalho,

Educação escolar e práticas comunitárias na floresta daimista do Céu do Mapiá

rainha, cozinha geral; hino, arara, pássaro. Palavras que traduzem a complexidade do universo cultural em que habitam, no âmago da floresta amazônica, com suas miríades de saberes. Afinal, como ensina Paulo Freire: “É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação”. Partir “do cotidiano, do dito, do feito e do entendido no mundo diário” (FREIRE, 1987).

À mediada em que a escola foi, efetivamente, acontecendo, a necessidade de elaboração de um currículo escolar foi percebida e pautada pelo grupo de profissionais que, paulatinamente, foram se envolvendo com a educação do povo mapiense e das crianças e adolescentes que vieram a residir na Vila acompanhando seus pais, na maioria, vindos do sul do Brasil.

O contato cultural entre sujeitos do Norte e do Sul, no cotidiano da vila, é a marca de um multiculturalismo intrínseco, uma vez que o Mapiá é considerado a “meca” do Santo Daime, para onde, constantemente, adeptos e interessados na religião vão em busca dos ensinamentos das plantas professoras, de que é feito o daime (ALBUQUERQUE, 2011), bem como dos ensinamentos de Sebastião Mota, o fundador da comunidade. Tal contato implica em complexos desafios à convivência social e escolar, em particular, na implementação da tão sonhada interculturalidade em que a diferença é traduzida como riqueza, articulada, portanto, a “processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos - individuais e coletivos-, saberes e práticas [...]” (CANDAU, 2013, p. 1).

Inicialmente, o chamado currículo escolar foi pesquisado nos índices dos livros didáticos que os professores e professoras procuravam incorporar no seu dia a dia de sala de aula. Posteriormente, em 1995, a “grade curricular” proposta pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas foi utilizada para pautar a divisão das atividades que seriam planejadas a partir de vivências comunitárias. Os conteúdos propostos para o ano escolar, contudo, nunca eram realizados na íntegra.

Buscando dar sentido ao cumprimento desses conteúdos, a equipe da escola ampliou seu conhecimento a respeito do que vem a ser um *currículo*, *currículo oculto*, *grade curricular*, bem do que vem a ser um *Projeto Político Pedagógico* e sua importância na educação escolar. Essa amplitude de conhecimentos deu-se por pesquisas autodidatas por parte da equipe, como também por meio da graduação em Pedagogia que passou a ser exigida para professores e professoras do ensino fundamental I.

Segundo Candau (2016, p. 805), a despeito dos discursos em prol da interculturalidade na educação, constata-se uma lacuna nos espaços escolares quando se trata da vivência intercultural, uma vez que ainda se observa “currículos únicos e engessados e perspectivas que reduzem o direito à educação a resultados uniformes”. Corroborando com a visão da autora, os currículos indicados pelas Secretarias de Educação à época, geralmente, reduziam o conhecimento a propostas conteudistas e monoculturais relacionadas, em geral, à realidade da vida e de sujeitos urbanos. Esse fato distanciava tais propostas da realidade vivenciada na comunidade mapiense, traduzindo-se como estratégia contraditória ao projeto comunitário de gestão educacional por reduzir o conhecimento a um plano pré-fixado e obrigatório, descolado do contexto social, comunitário e eco religioso em que se insere a escola.

Contudo, a consciência de que “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 1982) e também de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria educação ou a sua construção” (FREIRE, 1996) foi sendo buscada pelos professores e professoras e, parte dessa tarefa, foi realizada com a publicação do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Cruzeiro do Céu, em 2022.

O baú das memórias, onde esta história foi reconstituída, evidenciou que a partir do trabalho assumido por Marcos Vicente na direção, Nonata deixou de comparecer à escola. Marinês e Daíde quiseram seguir o mesmo caminho, mas, por bom senso e convencimento permaneceram. Raimundinha Corrente e Cristina Santos logo se mobilizaram para organizar o Jardim da Infância, dando continuidade ao trabalho que Nonata desempenhava. Maria Corrente dava o apoio fundamental com a merenda escolar. Foi mobilizada a organização da cozinha geral, que naquele momento estava numa fase difícil, desacreditada e desabastecida.

Logo nos primeiros dias de Mapiá, foi necessário ir de porta em porta das casas fazendo uma pré-matrícula, como forma de conhecer as crianças e jovens e seus pais. Após isso, procedeu-se a matrícula formal dos alunos. Nesse momento, uma forma de compromisso se estabeleceu entre a escola e o povo mapiense, com grande interesse e incentivo do Padrinho Sebastião. Em uma escola, há necessidade de que todos os alunos e alunas tenham um responsável. Mãe, pai, alguém que responda pela criança e jovem e que participe do seu processo educativo. O que se constatava eram crianças livres, sem monitoramento adulto. Perto da hora da oração, as 18 horas, ouvia-se os gritos de mães procurando filhos e filhas sem saber onde estavam. Era um dilema diário conciliar as

demandas de trabalho comunitário nos plantios e colheitas, na manutenção da limpeza dos caminhos, nos feitos de daimeⁱⁱⁱ e trabalhos espirituais com as atividades domésticas. Eram grandes os desafios de conciliar o âmbito comunitário e o privado.

Na tentativa de construção de uma cultura escolar, foi preciso criar “táticas” capazes de reinventar o cotidiano (CERTÉAU, 1998). Foi dessa forma que Marcos Vicente, taticamente, inventou o "ônibus escolar", com ajuda do Dario (*in memorian*), que arranhou um retrovisor e uma roda de direção, a fim de reunir as crianças para irem e voltarem para a escola. Ônibus escolar é uma metáfora traduzida em uma grande corda de pular que envolvia a todos, com uma direção e retrovisor como guias. Sua finalidade era conter a dispersão e implantar o hábito e o ritmo de ir e voltar da escola, até então inexistente.

Nesse movimento, a vida comunitária foi sendo cooperativa com a escola, em particular, com a sobrevivência das professoras e professores num quadro de carência pois eram mais de treze e no quadro oficial só tinham direito a quatro contratações pela prefeitura de Boca do Acre (AM), obrigando-os a seguir pelos caminhos informais do cooperativismo. Assim, o pouco dinheiro que entrava era dividido, comprando e/ou complementando merenda de qualidade para a escola que era feita na cozinha geral. As mães e famílias dos alunos e a comunidade, em geral, se revezavam para cozinhar e se esmeravam para apresentar um alimento apetitoso.

Aos poucos, o prédio da escola foi sendo construído na vila. Foi surgindo a necessidade da fundação da creche e da pré-escola. A escola tinha intensa participação na vida comunitária. Participava das colheitas de macaxeira para fazer farinhadas, de arroz, feijão e dos mutirões, uma vez que incorporava as práticas comunitárias ao seu dia a dia. Contudo, a relação escola-comunidade também acarretava tensões. Mães e pais almejavam uma escola formal, aos moldes da chamada pedagogia tradicional, e tais atividades comunitárias nem sempre eram vistas como “escolares”, apenas como trabalho, descambando em evasão da escola, uma vez que alguns alunos e alunas faltavam às aulas porque iam realizar trabalhos comunitários, familiares ou particulares, principalmente a juventude masculina.

Com a expansão da doutrina do Santo Daime para outras regiões do Brasil e fora dele, algumas alunas e alunos começaram a faltar para acompanhar pai e mãe a viagens. Essas ausências eram de difícil equilíbrio no sentido de repor as aulas perdidas. Nesses primeiros anos, o maior desafio foi costurar o final do ano escolar ao início do próximo, incorporando ao calendário escolar os festivais daimistas, com mais de doze trabalhos espirituais (hinários),

distribuídos ao longo do ano. São sessões de consagração do daime, com cantos e bailados que podem durar do entardecer ao amanhecer do outro dia, em que participam crianças, jovens e adultos. Também era preciso incorporar na comunidade daimista, as festas de São João, a prática da umbanda, a capoeira e as festas da cultura popular como a quadrilha, por exemplo, práticas essas que foram trazidas por cada professor e professora que veio morar no Mapiá, num exercício complexo de vivência intercultural.

Em um processo de ecologia de saberes (SANTOS, 2008), em particular, entre saberes religiosos e escolares, professoras e professores participavam da comunidade como um todo, da mesma forma que a escola se fazia presente nos feitiços de daime, nos ensaios de hinos que conformam o “Evangelho daimista”, nos plantios e colheitas e nas vidas das famílias. A limpeza e manutenção da escola ocorria de várias formas: alunos e alunas mantinham a limpeza com os professores e professoras; rodízio de mães e pais em mutirões. Tudo com grande esforço pois a demanda de trabalho comunitário era enorme e a escola era espelho desse trabalho, onde o exemplo era a grande virtude do Padrinho Sebastião que levantava cedo e saía antes do clarear do dia para fazer canoas para a comunidade, incentivando todo mundo a trabalhar e estudar. Afinal, embora tenha aprendido a ler como autodidata, ele desejava que seu povo fosse escolarizado e se relacionasse positivamente entre si.

Inspirados em seu exemplo, foi construída uma horta comunitária, criação de minhocas, oficinas de reciclagem de lixo, tentativas de diversificar os interesses e tornar o dia a dia mais alegre e produtivo. Desse modo, em 1990 a primeira turma do ensino fundamental I (antigo primário) foi formada, isto é, alfabetizada. Mas restava a pergunta sobre o “ginásio”. Nesse desafio, foram chegando os professores e professoras graduados no campo da educação, que compuseram essa nova fase.

Na proposta pedagógica da escola Cruzeiro do Céu, seguindo a vontade do Padrinho Sebastião e das pessoas da comunidade, a doutrina do Santo Daime atravessava o currículo. Conciliar trabalho material com o espiritual configurava-se como um grande desafio, uma vez que ambos demandavam muito esforço físico, sobretudo, se considerarmos os rituais de hinários em que se costuma bailar a noite toda, até o sol raiar. A complexidade do calendário religioso daimista, constituído por uma diversidade de rituais, deixava pouco tempo para o ensino do conteúdo escolar, que terminava não se concluindo no final de cada ano. Assim, a

Educação escolar e práticas comunitárias na floresta daimista do Céu do Mapiá

escola considerava o “estudo” realizado por meio dos trabalhos materiais e espirituais como parte do currículo, às vezes de uma forma pouco sistematizada.

A relação da escola com as famílias era contemplada com reuniões no início e final de ano organizadas pela equipe da escola. As mães e pais eram convidados a contribuir ocasionalmente, quando alguma dificuldade se apresentava com os alunos ou quando alguma situação específica aparecia. As decisões eram com eles compartilhadas e, com o tempo, um regimento escolar foi elaborado como guia.

Com pouca imersão dos professores no campo teórico da educação, as propostas pedagógicas foram se delineando na prática, em uma pedagogia do cotidiano. A metodologia partia da realidade, onde os interesses por atividades (como a farinhada, mariscar, o banho no igarapé, colher e produzir açaí, a produção de castiçais na reciclagem de latas, tecelagem de sacolas plásticas para produção de tapetes, a horta, o minhocário, etc.) eram aguçados e induziam a sistematização do que era realizado em produção de textos ligados às mais diversas áreas do conhecimento. Tudo isso constituía o desafio da inter-relação entre saberes escolares e saberes culturais tão sonhada pela educação intercultural pautada na consolidação de práticas pedagógicas que se desejam plurais (CANDAU, 2016).

Como resultados positivos dessa fase inicial da escola Cruzeiro do Céu, destacamos o início do letramento e do pensamento matemático, dando asas à construção da cidadania e autonomia para o povo mapiense. Um importante resultado traduz-se nos jovens, agora adultos, que fizeram suas escolhas e seguiram diversos caminhos, alguns conquistando certificação de nível superior, outros e outras destacando-se como pessoas do bem no que quer que estejam fazendo.

Ao participar de perto da gestão da escola, o maior desafio encontrado foi a crença de que o Santo Daime educa por si só, e que, por conseguinte, a educação escolar é dispensável. A doutrina do Santo Daime é viva e na sua prática ritual de cantar hinários se processam múltiplos aprendizados uma vez que, nessa religião, o “Evangelho” está nos hinos, que configuram o conteúdo central dessa educação (ALBUQUERQUE, 2011). Contudo, tais ensinamentos não prescindem da boa formação científica, motivo pelo qual o diálogo intercultural entre religião e ciência é fundamental, configurando o que Boaventura Santos (2008), denomina de “ecologia de saberes”. Como afirma o autor, todo saber é incompleto e precisa dialogar com outros para se complementar.

Diante dos dilemas de uma juventude rebelde que se recusava a estudar, Marcos Vicente refletiu que por diversas vezes sobreveio o pensamento de desistir da escola, após os primeiros seis meses. Ao levar a situação para o líder da comunidade, ficou claro a necessidade de recorrer aos métodos da chamada pedagogia tradicional onde a boa palmatória se fazia presente. O próprio Padrinho ressaltou a necessidade de impor limites, sem o que não se faria nada. A orientação foi clara e reta: “Se não pegar um pedaço de pau e ir pra cima, não vai conseguir fazer nada”. Resposta semelhante deu o padrinho Corrente que com imensa calma orientou: “dá três lapada na bunda, só isso”. No dia seguinte, em sala de aula, após inúmeras tentativas de apaziguar os ânimos inflamados da turma, foi preciso lembrar a orientação dos padrinhos e o silêncio se instalou. Silêncio necessário, não absoluto, aquele que convive com o som da vida de uma sala de aula em atividade. Algum foco foi adquirido e as aulas passaram a ter outra produtividade. Era final de 1986.

Com a escola consolidada, sobreveio o início do processo de criação da Floresta Nacional do Purus, criada em 1988, que culminou com a visita, ao Céu do Mapiá, de Fernando Cesar de Moreira Mesquita, secretário de imprensa e divulgação e porta-voz do então Presidente da República José Sarney. Fernando Mesquita foi autor do projeto de criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e seu primeiro presidente. A visita teve como finalidade conhecer a comunidade e verificar como vivia a comunidade do Padrinho Sebastião.

Com os constantes questionamentos da sociedade em torno de uma religião que faz uso ritual de uma bebida psicoativa, nessa mesma época, o Céu do Mapiá também recebeu a visita das equipes do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), que tiveram como cartão de visita uma escola cada vez mais organizada e eficiente no seu acontecer pedagógico, com aquisição de conhecimento sistematizado, leitura e escrita funcionais. Nessa visita, professores e alunos foram questionados por psicólogos (os), a fim de verificar um possível padrão de declínio na vida e atividades do povo mapiense, o que foi descartado nos documentos emitidos pelas equipes.

Com o crescimento da demanda por educação na vila, a questão da estadualização da escola foi uma reflexão presente para a equipe que ia se formando. Seria esse o melhor caminho? A comunidade não poderia reivindicar seu direito de ter uma escola comunitária, diferenciada de uma escola comum da rede pública? A dúvida que pairava era se, ao se

estadualizar, a escola Cruzeiro do Céu não passaria a cumprir um papel mais formal e burocrático afastando-se do exemplo comunitário mapiense. Nesse bojo, o próprio ideal comunitário era posto em dúvida. Na infraestrutura do Céu do Mapiá observamos, ainda hoje, a resistência ao ideal comunitário, constantemente em busca de si, diante do atrito que a lógica do mercado foi causando na comunidade com o tempo, a partir das trocas culturais estabelecidas entre sujeitos diversos que lá convivem.

Com a passagem para o plano espiritual do Padrinho Sebastião, em 1990, os desafios da educação foram ampliados pois ele era o grande incentivador da escola, considerada a “menina dos olhos” dele. Nesse período, havia na escola diversas linhas educativas: A antroposofia, com a ciência espiritual, e a escola Waldorf pareciam afins à doutrina daimista. A escola chegou a adotar o livro *Criança Querida: o dia-a-dia da alfabetização*, de Leonore Bertalot, literatura de referência da escola Waldorf de Rudolf Steiner. Havia também as *Cartilhas Caminho Suave*. Os materiais didáticos também eram produzidos na escola e reproduzidos em mimeógrafo pela equipe, de acordo com a necessidade de cada professor e professora. As reuniões eram orientadas pelo estudo do método Freinet e cada professor e professora tinha autonomia na sala de aula.

Naquele contexto, não era fácil encontrar alguém com disposição a colaborar proativamente com a escola na condição de professora ou professor. Aos poucos isso foi mudando e a escola Cruzeiro do Céu acolheu a chegada de Alessandra, Ana Cristina, Maria Cristina de Moraes, Cristina Santos, Daniela, Gilda Guilhon, Guilherme, Iza Brasil, Janete, Luis Eduardo, Maria Alice, Sanny, Vera Gall. Nomes de professores e professoras que fizeram o melhor que podiam, naquelas condições e tempo histórico.

Considerações Finais

A Escola Cruzeiro do Céu em seu início, em 1986, surgiu onze anos depois do sonho de viver em comunidade ser oficializado pelo Padrinho Sebastião, em 1975, na Colônia Cinco Mil. Após sete anos de existência, lá pelo ano de 1992, a escola já reunia um grupo destacado de professoras e professores, com formação em nível superior. Em carta à sua família, datada de março de 1986, Marcos Trench relata sobre sua função na comunidade. Afirma que o trabalho era com crianças pequenas “fogo na roupa”, que precisam aprender o que nós também precisamos, amar igualmente a todos os seres. “É isso que eu tento fazer. Há muitos pontos de trabalho, da horta até a carpintaria. São laboratórios para meu aprendizado”.

Marcos Vicente contava com a cooperação por parte dos moradores e moradoras do Céu do Mapiá nas “oficinas” elaboradas a partir de cada atividade: marcenaria, roçado, pesca, feitiço, cozinha, posto de saúde, igreja. Algumas tentativas foram frustradas pois a presença de um mediador era necessária para evitar desentendimentos e brigas. Nesse cenário de falta de material humano, a escola foi se reduzindo à sala de aula e a atenção focada nas crianças de sete a dez, doze anos, não conseguindo contemplar a educação de jovens e adultos.

Com essa lacuna, a escola foi causando insatisfação nas pessoas pela falta de oportunidade de estudar. Essa insatisfação foi somada àquela advinda da vida financeira da comunidade que não estava bem, segundo registro no livro *Bença Padrinho* que se refere a “tempos de economia difícil, de limitada capacidade de compras” (MORTIMER, 2000, p. 49). A administração da comunidade não era suficientemente clara, aos moradores, a respeito dos critérios utilizados na distribuição dos objetos de consumo e da “riqueza”, principalmente para os que colhiam e defumavam a borracha já muito desvalorizada, que era vendida comunitariamente. Alguns moradores sentiam o peso da desigualdade na distribuição do valor apurado.

Faltava educação financeira ao povo. A entrada de divisas, vindas de grandes doações, começaram a acontecer na mesma época, 1986/1987. Com isso, “Nunca mais o povo voltou a ser seringueiro, que é sinônimo de pobreza” (MORTIMER, 2000, p. 252-3). Essa afirmação pode parecer contraditória. Entretanto, é real a pobreza material que podia um seringueiro ser sujeito, como também é real a riqueza de seus conhecimentos e do ambiente onde vive.

A escola esforçava-se em preservar os valores comunitários, a exemplo dos mutirões, da alimentação compartilhada na cozinha geral, trabalhos de plantio e colheita e, acima de tudo, de se ter o exemplo do Padrinho Sebastião. Paralelo a isso, a comunidade foi estabelecendo uma ampla relação de intercâmbio com o mundo e se transformando enquanto comunidade, passando a receber uma grande quantidade de visitas, além de informações e oportunidades. O mundo foi se globalizando e se virtualizando e, de 86 a 96, o estilo comunitário de ser e seu encanto foi se mesclando com a lógica do mercado nas relações.

Nesse universo, cabe indagar: como podem ser resgatados os valores projetados pelo Padrinho Sebastião? Como o mapiense, nos tempos atuais, se comporta diante do projeto de vida comunitária? Quando nos referimos ao mapiense, nos reportamos a um pertencimento

de fé e de valores éticos, acima de tudo. Responder a essas perguntas é fundamental no sentido de um reencontro com os valores comunitários apontados por ele.

A Escola Cruzeiro do Céu, na sua função essencial de fazer acontecer a convivência entre as diferenças, corroborando com Paulo Freire (FREIRE, 1996, p. 52) procurou preservar tais valores e criar “espaços coletivos de formação na escola, a fim de que se desenvolvam práticas de observação, registro, reflexão e discussão permanentes”. Conforme foi descrito, o surgimento da escola, no período de 1986 a 1996, representa um caminho para esse reencontro com os valores comunitários.

Em 29 de agosto de 2001, pelo Decreto 22.085, a Secretaria de Estado de educação e Qualidade de ensino do Amazonas (SEDUC), instituiu a Escola Estadual Cruzeiro do Céu. Em função de suas características geográficas e socioculturais, atualmente, configura-se como uma escola comunitária e de campo. Em vista disso, sua organização pedagógica está integrada com as atividades da vila que incluem plantios em sistema agroflorestal, a agricultura familiar, agricultura de subsistência (arroz, feijão, milho e macaxeira) e hortaliças sem uso de agrotóxicos. Situa-se conforme a lógica de uma comunidade intencional, isto é, uma comunidade composta por pessoas que optaram por viver próximas e que compartilham um ideal de vida com objetivos comuns.

Ancorada em uma filosofia da floresta (ALBUQUERQUE, 2021), a concepção de educação que perpassa as práticas pedagógicas da escola é bastante ampla uma vez que transcende o espaço formal da sala de aula ao considerar os diversos espaços locais como pedagógicos, em particular, a igreja, que contribui para promover a coesão entre a maioria das pessoas da comunidade. Com isso, os momentos de aprendizagem são diversos e incluem a vivência comunitária como parte de sua proposta metodológica, uma vez que se considera essa vivência como fundamentalmente educativa dos valores que se busca imprimir nas crianças e jovens.

Dentre os espaços não escolares que assumem dimensões essencialmente pedagógicas, destaca-se a Casa de Feitio destinada à feitura do daime. Geralmente, os estudantes participam do processo de preparo da bebida, processo esse que envolve uma diversidade de saberes, sejam eles de natureza botânica (relativo ao conhecimento das espécies vegetais, plantio e manejo das plantas do daime); químicos (os graus de fermentação da bebida); matemáticos (envolvendo peso, quantidades e medidas); morais (respeito ao ser divino, o daime, que está sendo produzido), dentre outros.

Do ponto de vista teórico-filosófico, a Escola Estadual Cruzeiro do Céu ancora-se no projeto de uma educação libertadora e intercultural, cultivando uma relação de simetria entre os indivíduos, a floresta e os seres que nela habitam. Daí sua afinidade aos princípios da “florestania” que consideram a convivência harmoniosa com a floresta e a autossustentabilidade.

Um dos maiores desafios da escola está na centralidade da religião no coração da comunidade, cujo cotidiano é atravessado por práticas ritualísticas da doutrina do Santo Daime. Assim, o diálogo intercultural entre ciência e religião, cultura local e global, constitui importante desafio aos educadores, sobretudo, em uma sociedade que tende a subalternizar os saberes populares, os modos de ser e viver em comunidade. Talvez por isso Catherine Walsh tenha advertido que “a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si mesma. É um projeto de existência, de vida (WALSH, 2007, p. 7-8).

A despeito da soberania da lógica ocidental moderna que tenta atravessar todos os ângulos da vida, a Escola Estadual Cruzeiro do Céu, não sem dilemas internos e conflitos, persiste e afirma seu projeto de uma formação integral dos seres humanos, assentada em uma cultura de paz, no desenvolvimento da consciência ecológica e respeito à alteridade segundo o ideário de Sebastião Mota de Melo, seu grande mentor.

Referências

- ALBUQUERQUE, Maria B. B. **Epistemologia e Saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.
- ALBUQUERQUE, Maria B. B. **Sabenças do Padrinho**. Belém: EDUEPA, 2021.
- ALVERGA, Alex P. **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre: CEFLURIS Ed., 1998.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CANDAU, Vera Maria F. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100005>.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, jul./set. 2016.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural e práticas pedagógicas**. Documento de trabalho. Rio de Janeiro: GECEC, 2013.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERNANDES, Vera Fróes. **Santo Daime, cultura amazônica: história do Povo Juramidam**. Manaus: SUFRAMA, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 6. Ed. 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad"**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 17-19 de abril de 2007.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MORTIMER, Lúcio. **Bença, Padrinho**. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2000.

SANTOS, Boaventura S. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008 (Col. Para um novo senso comum, v. 4).

Notas

ⁱ A live foi apresentada no dia 13/02/2022, direcionada à Comunidade Céu do Mapiá e simpatizantes da religião do Santo Daime, conta memórias de 1986 a 2008, e pode ser acessada no link: <https://www.youtube.com/live/6IBPiZiHWio?feature=share>.

ⁱⁱ Versos do hino de nº 88 (Chamo Estrela), do Hinário “O Cruzeiro”, do fundador do Santo Daime: Raimundo Irineu Serra.

ⁱⁱⁱ Feitios são rituais em que se prepara o daime que será consumido nas igrejas.

Sobre os autores

Maria Betânia B. Albuquerque

Dr^a em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA); Email: mbetaniaalbuquerque@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9681-9293>

Marcos Vicente Trench

Graduado em Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP); Gestor da escola Cruzeiro do Céu no período de 1986 a 1996; Atualmente trabalha com agricultura familiar no Sítio Nosso Canto em Lourenço da Serra-SP; Email: ramafior@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6874-8476>.

Recebido em: 30/03/2023

Aceito para publicação em: 22/06/2023